

1.3 POR QUE É QUE HÁ TODAS ESSAS COISAS JUNTAS? ENSAIO SOBRE AJUNTAMENTOS EM JEAN-LUC NANCY

[WHY ARE THERE ALL THESE THINGS TOGETHER?
ESSAY ABOUT GATHERINGS IN JEAN-LUC NANCY]

CAROLINA ANGLADA DE REZENDE¹

<https://orcid.org/0000-0003-3930-2893>

Universidade Federal de Ouro Preto – Ouro Preto, MG, Brasil

Resumo: A obra do filósofo francês Jean-Luc Nancy será lida, neste ensaio, pelas relações que estabelece entre o fazer a poesia e o fazer a relação sexual, no que toca a diferenças entre o infinito e o retorno, a ligação e a dis-con-junção, a demanda e a repetição. Mobilizando a pulsão de um *para-além* do princípio do prazer, percorreremos um caminho filosófico carregado também pela morte, no sentido de um sustentar-se na interrupção, junto à vida, juntado em uma disjunção. Assim, nos propomos a evidenciar, nesse percurso, algumas de suas aproximações a pensadores contemporâneos, como Jacques Lacan e Jacques Derrida, dos quais nunca deixou de extrair importantes considerações a respeito do sentido, do poético e do desejo – noções essas que se ajuntam a seu projeto filosófico, composto por movimentos pulsionais de zonagem, deposição e acessibilidade.

Palavras-chave: Jean-Luc Nancy; Eros; poiesis

Abstract: The work of the French philosopher Jean-Luc Nancy will be read, in this essay, focusing on the relationships it establishes between making poetry and making sexual intercourse, regarding to the differences between infinity and return, connection and dis-con-junction, demand and repetition. Mobilizing the drive of a beyond the pleasure principle, we will follow a philosophical path also carried by death, in the sense of sustaining ourselves in the interruption, together with life, joined in a disjunction. Thus, we propose to highlight, along this path, some of his approaches to contemporary thinkers, such as Jacques Lacan and Jacques Derrida, from whom the philosopher never failed to extract important considerations regarding meaning, poetics and desire – notions that join his philosophical project, composed of pulsional movements of zoning, deposition and accessibility.

Keywords: Jean-Luc Nancy; Eros; poiesis

*Não faças versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
Não faças poesia com o corpo,
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.
("Procura da poesia", Carlos Drummond de Andrade)*

1. Movimentos do desejo: o para-além da Coisa

Raros são os filósofos que fizeram de seus projetos de pensamento um franco e sensível comentário em movimento às obras de seus contemporâneos, pareando a obstinação por um argumento autoral a uma proposta de leitura e de intervenção no campo teórico compartilhado por pares. Com isso queremos dizer que este ensaio pretende tomar a obra de Jean-Luc Nancy como um gesto de *ajuntamento* [*l'approche, se rassembler*], escrita *da* leitura e *em* aproximação de outros pensadores. Se sua estreia é já uma glosa à dialética hegeliana (à qual retorna em 1997 com *L'inquiétude du négatif*), os textos que se seguirão não deixam de acenar aos autores que lhe interpelaram, às vezes, como dissemos, de uma contemporaneidade bastante íntima, tal como se faz notar já na segunda obra publicada, *Le titre de la lettre* (1973), um dos vários textos em co-autoria com Philippe Lacoue-Labarthe, neste caso, dedicado aos *escritos* lacanianos; além do diálogo nunca interrompido com Jacques Derrida, cuja iniciação na filosofia se dá quase simultaneamente à sua.

A respeito desse último pareamento, alguns trabalhos procuram traçar as coincidências do pensamento de um no projeto de outro, recuperando o que uma chegada conjunta à filosofia assim como uma partilha [*partage*] de questões teriam a dizer dos projetos. Fato é que, se a desconstrução derridiana leva às últimas consequências a dimensão do *quase*,¹ do que não chega a fazer corpo, a obra nancyniana, por sua vez,

¹ Por ser um significante bastante presente nos textos derridianos, o termo “quase” [*presque*] nos convoca a um pensamento do indecidível, pelo qual as coisas não se dão *como tal*, mas se anunciam, se prometem, se traem, hesitam. Veja-se, por exemplo, o que o filósofo franco-argelino diz, tomando os *Cahiers* de Paul Valéry como motivação para pensar o processo de desaparecimento e de descontinuidade textual do eu: “Valéry reconhece-lhe, por exemplo, um certo ser, mas para lhe negar qualquer presença. Ou *quase, o quase*,

propõe uma visada sobre o *ajuntamento*, sobre o acesso como aproximação interminável sobre a pluralidade do que há – e é precisamente em torno desse movimento que este ensaio incidirá, com o objetivo de tornar sensível os comuns rodeios pela *Poiesis* e por *Eros*, como num incessante jogo de *fort-da* freudiano, pelo qual se exhibe “em alto grau, o caráter pulsional” (FREUD, 2020, p. 127). Há, *aqui*, em relação a um *ali*, na inerência de um corte e de um desenlaçamento, de uma ausência e de uma desapareição, um corpo, mais até, um corpo a corpo, quando há algo de não desemaranhável [*indémêlable*]. Enquanto Derrida marca a sua posição em relação aos restos, ao *disjuntivo* dos mortos e espectros, ao tempo desajuntado, “out of joint”,² Nancy insiste na “dis-con-junção”,³ outra forma de sustentar a aproximação pulsional do que retrocede pela manutenção de uma margem indecidível.

Em um prefácio à edição portuguesa de *Le poids d'une pensée, l'approche* (2008), Nancy parte da proximidade entre os verbos pensar e pesar, para se aproximar do que seria a *pesantez*, “a conveniência a si de um mundo” (NANCY, 2011, p. 8), o modo como, por meio da força da gravidade, ou mesmo de uma pulsão, “um todo se junta a si mesmo” (NANCY, 2011, p. 8). A proposta filosófica aqui é de dar peso ao que resta, de medir-lhe as dimensões, de traçar o contorno dos corpos, por mais que este traçado permaneça sempre duvidoso, o corpo mesmo retirando-se, separando-se. O filósofo chega a dizer de uma “co-apropriação da paisagem e do pensamento” (NANCY, 2011, p. 16), de um “ponto da apropriação mútua e aqui-originária da paisagem e do pensamento” (NANCY, 2011, p. 16), sem com isso afirmar que dão no mesmo ou são a mesma coisa. A rigor, “esta

imprimindo ao jogo, que desqualifica a sua tendência regular, arbitra a desqualificação, baralhando as oposições e prescrevendo qualquer pertinência ontológica” (DERRIDA, 1991, p. 323, grifo nosso).

² Referimo-nos, aqui, ao *incipit* hamletiano de *Espectros de Marx*, do qual Derrida depreende uma anacronia ou uma intempestividade logo ao início do texto: “Agora os espectros de Marx. (Mas agora sem conjuntura. Um agora desajuntado ou desajustado, “out of joint”, um agora desencaixado que sempre corre o risco de nada manter junto, na firme conjunção de algum contexto, cujas bordas seriam ainda intermináveis.)”. (DERRIDA, 1994, p. 17).

³ Ressalta-se que, também em Jean-Luc Nancy, o disjuntivo se faz observar como um operador dos tempos desencadeados, a partir de uma comum referência shakespeariana: “Sem dúvida Shakespeare é a testemunha de uma consciência de ruptura, de interrupção ruinosa – Hamlet ou Lear estão entre essas figuras notáveis – e nos dá condições de pensar que o sentimento da fratura do tempo e da ordenação do mundo é recorrente no mundo moderno, constitutivo talvez do “moderno” enquanto tal.” (NANCY, 2022, p. 5). Essa leitura de uma concepção temporal na qual não temos mais a experiência de um engendramento, o que impossibilitaria também a história de encadear-se, divide espaço, na obra do filósofo, com a dis-con-junção, por meio da qual, na afirmação da preposição “com”, a separação entra em síncope com o ajuntamento. Não haveria apenas um tempo dis-juntivo, sem conjunção possível, mas também uma experiência, sobretudo erótica, como veremos, de uma ligação que mantém a separação, de uma perda súbita dos contornos que só se realiza na exposição ao outro, de um fechamento que deixa brechas.

discórdia do peso e do pensamento”, de serem juntos, é “que faz todo o peso de um pensamento”. O pensamento teria que ver, portanto, com esse movimento de junção a si *de um* mundo, desde que se preserve a ideia de que o ajuntamento não corresponde a nenhuma unidade ou totalidade. “É igualmente tensão, atenção, intenção e mesmo *para-além*: ímpeto, voo ou mergulho em direção à essencial coexistência de *todas as coisas*” (NANCY, 2011, p. 9, grifo nosso). Logo adiante, o filósofo ressalta que não importa tanto a dimensão desse “todas as coisas”, mas, sim, “porque é que há todas estas coisas *juntas*” (NANCY, 2011, p. 9, grifo nosso).

Neste breve prefácio ausente na edição francesa, Nancy, ao menos em dois momentos, revela a sua transferência com a psicanálise, mais especificamente no que deste discurso da verdade visa a uma retirada: na releitura que faz de um para-além freudiano e no para-além de um todo, o não-todo lido por Lacan que converge com a “di-con-junção das coisas” proposta pelo filósofo francês. Freud em seu *Além do princípio do prazer*, estabelece uma outra economia por meio do termo em alemão *Jenseits*, que indica haver algo mais na relação entre Eros e Tânatos, não reduzível ao binômio prazer-desprazer. Nessa nova perspectiva, seria preciso ir além da relação entre preservação (da espécie) e agregação das tensões, isto é, entre prazer e constância, tomados pela sua “força de ligação” (FREUD, 2020, p. 115). A propósito de uma pulsão de destruição (*Destruktionstrieb*) ou pulsão de morte (*Todestrieb*), Freud dirá se tratar de algo “mais frouxo”, que ficou pelo caminho. A percepção dessa diferença de ligação, influenciada pelos estudos do fisiologista Josef Breuer, é também o que difere os processos conscientes dos inconscientes, estes últimos, de tipo “livremente móvel”, “podem ser facilmente transferidos, deslocados e condensados de modo integral” (FREUD, 2020, p. 125).

A partir daí Freud definirá a pulsão como “uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferir, a manifestação da inércia na vida orgânica” (FREUD, 2020, p. 131), de modo que o aparelho psíquico teria como função substituir esse processo primário, sem ligação, *daimoníaco* no sentido do que é inquieto, pelo secundário, no qual o princípio do prazer está a serviço de uma des-excitação dessa elasticidade, simbolizando-a por refazer a ligação, “no empenho mais geral de tudo o que é vivo de retornar ao repouso no mundo inorgânico” (FREUD, 2020, p. 201). Assim sendo, o sentido de ligação não teria que ver com a pura descarga, isto é, com a busca pela constância, mas por um arriscar-se no

retorno ao inanimado, no que ficou pelo caminho, mesmo quando se trata de um expor-se ao risco da própria extinção.

Nota-se aí a emergência de um problema que chega a Nancy por outras vias: como pensar as sensações de prazer muito mais intensas que nos acometem por sua natureza não-ligada? Obras como *Le titre de la lettre* (1973), *L' "Il y a" du rapport sexuel* (2001) e *Le poids d'une pensée, l'approche* (2008) são exemplares do impacto que tal força discon-juntiva exerce sobre seu pensamento, dando a ver que, se não há mais pertinência na imagem do engendramento, há, ainda, a promessa de uma vinda, de um com-parecimento do desconhecido que, como se sabe, permanecerá desconhecido, isto é, afastado. Tal como o que se passa com o gozo, definido mais precisamente por isso que passa, desimpedido, junto com outras coisas, sem a elas prender-se, sem delas apoderar-se. É daí que filósofo extrai indagações como: não haveria um prazer originário dos processos primários, anteriores à consciência, e que dizem respeito não só à pulsão de destruição, mas aos desejos indestrutíveis, fonte das outras moções desejantes?

Lacan ocupou-se sobremaneira desse para-além [*Au-delà*] na estrutura do desejo, sobretudo em seu *Seminário 5: as formações do inconsciente*, quando interpreta o caráter compulsivo como demanda, isto é, como re-*petição*, e que, por jamais poder ser satisfeito, repete-se, permanecendo desintegrado à articulação significante. Trata-se de um corolário do desejo, seja infinito ou fantasia, algo que ex-siste⁴ fazendo-se sensível para o sujeito que sente a aproximação, o comparecimento desse Outro, do ser do Outro, mas enquanto promessa.

⁴ O termo oriundo do latim, *ex-sistere*, é composto por *ex-*, fora, e *sistere*, o lugar onde se está. Em Lacan, trata-se de uma noção discutida mais detidamente no *Seminário 22*, em que aborda os registros do Real, Simbólico e Imaginário a partir do nó borromeano. Considerando que, para o psicanalista, o cruzamento entre duas retas não impede o deslizamento infinito dessas, uma terceira faria barra a esse movimento contínuo, operando como limite e possibilidade de amarração, isto é, ex-sistindo a cada uma delas. A rigor, o termo tem importância por marcar uma sustentação pelo lado de fora “que não é um não dentro”, e operar precisamente numa espécie de limite, fazendo furo na consistência dos outros dois registros em questão, tal como depreendemos do seguinte trecho: “la existencia se define en relación a una cierta consistencia, si al fin de cuentas la existencia no es sino ese afuera que no es un no-adentro, si esta existencia es de alguna manera eso alrededor de lo cual se evapora una sustancia, si la existencia, tal como un Kierkegaard nos lo adelanta, es esencialmente patética, de ello no resulta menos que la noción de una falla, que la noción de un agujero aun en algo tan extenuado que la existencia conserva su sentido, que si les he dicho ante todo que hay en lo Simbólico un reprimido, hay también en lo Real algo que hace agujero, hay también en lo Imaginario — FREUD bien se dio cuenta de ello — y es precisamente por eso que él ha refinado todo lo que es de las pulsiones en el cuerpo como estando centradas alrededor del pasaje de un orificio al otro.” (LACAN, 2002, p. 57).

Em uma das lições desse seminário, intitulada “O pouco sentido e o passo-de-sentido”, Lacan admoesta seus interlocutores para um detalhe importante em Freud, sobre a noção de demanda *que passa* e tem efeitos no desejo. Ao passo que a criança entra na linguagem, o que começa como necessidade é transformado em demanda, já marcado pelo exercício do significante, isto é, já remodelado pelas palavras. A demanda é “a necessidade mais o significante”, culminando numa formulação do desejo enquanto “defasagem essencial em relação a tudo o que é, pura e simplesmente, da ordem da direção imaginária da necessidade – necessidade que a demanda introduz numa ordem outra, a ordem simbólica, com tudo o que ela pode introduzir aqui de perturbações” (LACAN, 1999, p. 96). Assim, o detalhe incidiria precisamente na relação entre vestígio e repetição, para-além da necessidade:

se Freud introduziu uma nova dimensão em nossa consideração do homem, foi porque – eu não diria que *alguma coisa passa a despeito de tudo*, mas que *alguma coisa que está destinada a passar* – o desejo que deveria passar *deixa em algum lugar não apenas vestígios*, mas um circuito insistente (LACAN, 1999, p. 94-5).

Com estas duas incursões, do além do princípio do prazer ao para-além, percebe-se como Nancy trabalha a “dis-con-junção de todas as coisas” como um circuito pulsional que insiste em ligar e desligar – o que vai deixando restos formantes de uma cadeia de repetição, de pedido reiterado. Onde há pouco sentido, não senso, isto é, um saber desprendido, há sentido pulsional. Trata-se de um circuito bastante semelhante ao desenhado por Nancy em um ensaio dedicado à aproximação, em que diz: “Que alguma coisa se passe – nem que fosse o próprio lugar, o ser *aí* de um ‘aqui’ –, eis o que o lugar permite, ou então o que ele promete” (NANCY, 2011, p. 123-4). Desse modo, a ligação revela-se independente, em alguns casos, do princípio do prazer, ex-sistindo em relação a ele, na co-existência de um *aqui* em relação a um *aí*, tangenciando, por essa razão, um risco de morte, de desterritorialização absoluta. Assim como o para-além excede tanto as pulsões sexuais quanto as pulsões do Eu, calcando-se em uma dimensão mais originária ou anterior.

A filósofa e antropóloga francesa, Monique David-Ménard, comenta o que faz elo entre a incursão de Freud na fisiologia, na biologia e nos relatos de sonho dos retornados combatentes de guerra, quando se dedica a descrever esta outra forma de pulsão, mais próxima da complexidade da nossa realidade subjetiva: “além do princípio do prazer é

inicialmente tomado como a independência de uma atividade de ligação em situação de catástrofe” (DAVID-MENÁRD, p. 101). Tal assertiva a nós interessa por tratar-se de um tipo de *conjunção* já não mais responsivo à demanda, mas que ainda assim *tem-lugar*, na experiência de uma proximidade mais livre, de uma separação que é união ao campo pulsional – mesmo quando não circunscrito a uma situação traumática em que a ligação parece girar no vazio. Retomando os termos de Nancy, diríamos que este para-além não só *tem* peso, mas *é* peso, tal como chega, tal como passa e deixa vestígios no circuito insistente. Este para-além é mesmo o que faz a extensão da *psychê*, pelo que ela vale em termos de “parte extra partes, e pela obscuridade em que fica face-a-face consigo mesma relativamente a esta exterioridade-em-si, ou relativamente a este *a-si* que a constitui” (NANCY, 2011, p. 25-6).

2. O “Há” da Relação Sexual

Retomando a provocação de Nancy a respeito do absurdo que é não exatamente as coisas haverem, mas haverem todas as coisas *conjuntamente*, e deslocando-a para a dimensão propriamente sexual, deparamo-nos com um texto de 2001 no qual o “haver” revela fundamentalmente seu sentido de cópula. Motivado pelo aforisma lacaniano de que “não há relação sexual” [*il n’y a pas de rapport sexuel*], hoje fixado no *Seminário 20*, o filósofo discorre sobre um aparente paradoxo inerente a esta afirmativa, de “não há o que há” (NANCY, 2008, p. 15). Isto porque a própria “relação” não é uma substância, não se coloca como ente; é uma ação. Por isso não significa coisa nenhuma, além de que também a expressão “relação sexual” não é utilizada para dizer a coisa, aquilo “que só designamos com verbos (deitar-se com, fazer amor, curtir, etc. – ou então, como em Proust, *fazer catleia*)” (NANCY, 2008, p. 21, grifo no original). Desses verbos não se faz relatório [*rapport*], conta, relato. Sob o signo da con-junção, não há emparelhamento, assim como “aquilo que não há como relação sexual é uma coisa, é qualquer coisa que constituiria o seu culminar ou, para dizer tudo, a substância ou a enteléquia” (NANCY, 2008, p. 23). No ponto da Coisa [*Das Ding*], Nancy parece aproximar-se da definição kantiana, quando diz que “o saber da relação, seria o conhecimento exacto daquilo que não é objecto de conhecimento” (NANCY, 2008, p. 39).

Este “não há” lacaniano, no texto do filósofo francês, cada vez mais assume a sua impropriedade radical, aproximando-se de um “não se tem”, “não se apropria”, “não se é”, donde se depreende que, no fundo, o sexual não tem relação com a Coisa do conhecimento. Semelhantemente ao *para-além*, trata-se de mais um modo de dar a ver os movimentos do pensamento e, aqui, mais especificamente, dos transportes de Eros, os quais prescindem de objetos específicos, como o trecho abaixo explicita:

A relação designa então precisamente o que não é a coisa: o que não é coisa nenhuma (nenhuma substância, nenhuma entelégia), mas aquilo que (se ainda se pode dizer ‘aquilo que’: ‘aquilo’ tem aqui um valor diferente do que tem no caso da coisa) se passa entre coisas, de uma coisa a outra (NANCY, 2008, p. 24).

A relação abre o entre como tal, o vazio, o que se passa e deixa vestígios, o que não é nem um nem outro da relação, *para-além* de si mesmo. Nesse vazio de relação, negação do emparelhamento sexual, arrisca-se a distinção absoluta, a inteireza, como escreve Nancy: “desejando-se, ou amando-se, o que seria, a esse título, uma só realidade ou um só movimento, tão estrangeiro a uma lógica da identidade plena como à lógica da carência da secessão constitutiva” (NANCY, 2008, p. 29). A relação sexual que não há vem marcar o infinito de uma diferenciação que se coloca a cada vez como irrepetível e, ao mesmo tempo, interminável, produzindo diferença a si nas vezes seguintes, espaçando-se, bifurcando-se na junção de um *aqui* com um *ai* [d’y-ci]. Curiosamente, Nancy retoma a noção de espaçamento derridiana para ligá-la ao simbólico lacaniano:

Não há nada que seja antes ou fora do espaçamento: nada que seja antes ou fora do ter-relação-com-o-sexo que faz o sexo-diferenciando-se/diferindo-se, faz porventura a própria estrutura daquilo a que Lacan chama o simbólico: acaso não tem o symbolon a figura sexuada ou sexuante dos bocados que juntamos, que emparelhamos? (NANCY, 2008, p. 37)

Tal aproximação do espaçamento é fundamental para Nancy evitar a interpretação de sua dis-con-junção como fusão ou seu contrário desunião; “o sexo zona-se: divide-se” (NANCY, 2008, p. 47). Trata-se de uma “proximidade sem penetração” (NANCY, 2011, p. 124). O espaçamento funciona como um *para-além* na medida em que diz que não há prazer que não tangencie o desprazer, que não há alegria sem essa experiência de tangenciamento da angústia, tal como a relação está para a não-relação: “se o sem-relação

abre a relação, inversamente a relação abre um caminho para o sem-relação” (NANCY, 2008, p. 28).

Eros figura o comentário do filósofo aos seminários lacanianos como esta insistência,⁵ sem relação com a carência. Lembremos, por exemplo, o diálogo entre Sócrates e Agatão, no *Banquete*: “Disse então Sócrates: – Não é isso então amar o que ainda não está à mão nem se tem, o querer que, para o futuro, seja isso que se tem conservado consigo e presente? – Perfeitamente, disse Agatão.” (PLATÃO. 1979, 200d-200e). Ao que posteriormente Diotima acrescenta: “Ama o amante o que é belo; que é que ele ama? – Tê-lo consigo – respondi-lhe. [...] – Vamos, Sócrates, ama o amante o que é bom; que é que ele ama? – Tê-lo consigo – respondi-lhe” (PLATÃO, 1979, 204d-204e). Nancy se distancia dessa perspectiva apropriativa e carente, afinando-se mais com a “situação de catástrofe” de que fala Freud. Por isso o filósofo definirá o desejo como “desastrologia” e “catastrologia”, posto que este careceria tanto de “alguma coisa” no campo do objeto quanto de “alguém” no domínio do sujeito. Em presença de Eros, o saber é saber desprendido, des-ligado, e pode, ainda, levar ao fim do mundo, à desterritorização incontornável. Ainda assim, esta subjetivação que advém da experiência desejanse sente-se como intimada, impelida “de ir sempre mais ao fundo, ao seu mais profundo” (NANCY, 2008, p. 43), ao seu *para-além*, reportando-se indefinidamente ao sentido que recua, na proximidade da própria aproximação. Como um “bom infinito”, o *para-além* de Eros é o que atualiza o ato na sua direção ao exterior, no seu excitar-se pelo fora, no seu exceder-se; além do mais, é também o que faz a ultrapassagem entre a tensão como ajuntamento e o relaxamento como desconjunção, isto é, deslocamento de algo para uma posição anômala.

“Mais precisamente a zonagem e o *eros* não são nada senão a auto-interpretação do corpo” (NANCY, 2008, p. 49), esclarece Nancy, enfatizando o sentido de acesso que o gozo realiza no corpo em relação aos sentidos, sentidos estes que jogam e provocam a diferença sexual. Auto-interpretação, nesse caso, refere-se ao modo como a exploração das zonas e o espaçamento delas em relação ao corpo produz não só um texto ou discurso sobre ele, por meio do ter-lugar da linguagem, como também provoca a interpretação

⁵ Na obra *O título da letra* escrita com Philippe Lacoue-Labarthe, Nancy recupera o sentido originário. de *instância* para melhor se aproximar do texto laciano “A instância da letra no inconsciente”, e, num jogo de linguagem, troca-a por *insistência*, afirmando que “insistir é fazer instância, perseverar em pedir” (NANCY e LACOUÉ-LABARTHE, 1991, p. 32).

disso que se joga. Não há nada, entretanto, que direcione esta “auto-interpretação do corpo” para ele mesmo, posto que o que se dá é em termos de experimentação e gozo da “diferença em ato” (NANCY, 2008, p. 49). Freud mesmo foi perspicaz em distinguir o autoerotismo do narcisismo, esse, sim, orientando por uma dinâmica de semelhanças imaginárias. O corpo, pontua Nancy,

é um campo de derramamento e uma rede de fontes, um jorro, um bebedouro, um remanso, uma maquinaria de bombas, turbinas e comportas cujo jogo entretém a vida no úmido, ou seja, na passagem, na permeabilidade, na flutuação, no nado e no banho (NANCY, 2020, p. 24).

Por essas razões, gozar é, através do zoneamento *do* corpo e *no* corpo, experimentar a sua inespecificidade; do gozo não se diz que este tem *um* lugar, na medida em que este “não está em nenhum lugar” (NANCY, 2020, p. 27), nenhum lugar específico, diríamos. O gozo não sabe o que diz, por isso mesmo pede algum tipo de conquista. Na experiência da aproximação, do desprendimento, da des-ligação, Eros atesta uma abertura e o que passa por ela, não o que por *aí* fica sem um *ali*. O gozo dá lugar ao lugar, ao que antes da excitação não era passagem, não era possível, não via caminho; neste dizer sem sentido, ao passo do sentido, é que a pulsão encontra uma prática, tornando-se ela mesma seu próprio critério de avaliação, sua “auto-interpretação”.

3. O sentido de acesso: direções da poesia

Ao fim de *O “Há” da relação sexual*, Nancy provoca seus leitores ao afirmar que o “gozo é um acesso”, não um acesso intrínseco, objetivo no sentido de pretender possuir um tal objeto, mas uma experiência de direção, de algo que opera nas bordas e nos limiares, por onde a inundação advém, desconjuntando. Do gozo diz-se: “Nem possessão de, nem possessão por... – mas o que não tem lugar, o escoamento do próprio lugar: o ‘absoluto’ não é mais (ele não ‘é’) do que o dissoluto, o dissolvido, o disperso” (NANCY, 2020, p. 28). Curiosamente, uma das primeiras incursões do filósofo à noção de *acesso* remete à obra *O título da letra*, quando Nancy junto a Lacoue-Labarthe comenta a relação entre significante e significado por essa ideia de entrada, responsável pela topologia, isto é, pela divisão e instituição dos lugares, pelo espaçamento que constitui a diferença *como tal*.

Ao mesmo tempo, o acesso *tal como* o gozo indistingue potência e ato, posto que o apelo e a realização acabam por se tornar o mesmo ou *quase* o mesmo: gozar seria consumir-se nesse acesso, embriagar-se, “queimando o seu próprio sentido, quer dizer, iluminando-o ao calciná-lo” (NANCY, 2008, p. 58). A imagem do fogo que subjaz a este trecho não aparece fortuitamente, sendo a poesia, mais propriamente, aquela que manifesta algo de *mítico*, precisamente por realizar o efeito de uma interrupção, de um corte pelo verso, como se fosse mesmo possível, nas palavras de Lacan citadas por Nancy e Lacoüe-Labarthe, “afixar uma significação a um significante” (LACAN apud NANCY & LACOUE-LABARTHE, 1991, p. 63). Quando o primeiro dedica-se mais propriamente ao mito, diz que se trata de uma resposta “mais a uma tentativa do que a uma pergunta e a uma *tentativa* do próprio mundo” (NANCY, 2016, p. 88, grifo nosso).

Se como dizem os filósofos franceses lendo Lacan, “nada pára, aqui ou acolá” (NANCY & LACOUE-LABARTHE, 1991, p. 62), é apenas na aproximação à poesia que o movimento que aqui descrevemos como *ajuntamento* parece, numa tentativa do mundo, encontrar algo (excluindo-se, entretanto, a herança latina do entendimento desse algo como *res*). Enquanto o Eros no corpo escoar, fá-lo escoar em si, na poesia, o erótico faz-se notar pelo prefixo *com* da dis-con-junção, tornando-se o que enuncia, retendo aquilo mesmo que produz. No já célebre ensaio “Fazer, a poesia”, a separação por vírgula entre o verbo e o complemento, somada à ausência de sujeito, apontam precisamente para esta hipótese, de que o verso seria o dispositivo responsável por desatar e destacar, ao mesmo tempo em que reforça os elementos em distinção. Absoluta, a poesia é *ab-solutamente*, isto é, perfeitamente separada, uma práxis de desunião interna. A Coisa da *poiesis* é fundamentalmente finalidade sem fim, pela qual o gesto do poeta não apenas destina-se a fazer *um* poema, mas a fazer *a* poesia, posto que retornar a ela seria retornar à sua originalidade, à necessidade de um refazer-se, de um retirar-se e de um redobrar-se. Assim Nancy esclarece: “a história da poesia é história da recusa persistente de deixar a poesia se identificar com algum gênero ou modo poético [...]. A poesia é a *praxis* do eterno retorno do mesmo: a mesma dificuldade, a dificuldade mesma” (NANCY, 2016, p. 147).

Por essa razão, o verso aparece no texto como “um truque de linguagem, uma voragem ou um reverso de sentido” (NANCY, 2016b, p. 148), girando sobre si mesmo, conferindo-se uma natureza segundo a própria operação pela qual é engendrado. Todas

estas são imagens de torção, pelas quais a Coisa poética reaparece não simplesmente afastada, mas invertida, pervertida, topologizada, em redemoinho, consoante o caráter bustrofédico do verso. Entretanto, é preciso salientar que, se a poesia goza de alguma proximidade com o seu objeto, não é porque ela o sente, mas porque o pressente na “vertigem do infinitamente próximo” (NANCY, 2020, p. 39); ela faz esse objeto, faz sua distância a ele, fazendo-se como coisa feita em relação a essa medida; “a poesia não produz significações: ela faz a identidade objetiva, concreta e exatamente determinada, do ‘elevado’ ao ‘tocante’ com uma coisa” (NANCY, 2016b, p. 149). Recuperando a definição de um dicionarista do século XIX, Émile Littré, Nancy é ainda mais enfático: “poema... de *poien*, fazer: a coisa feita (por excelência)” (NANCY, 2016b, p. 149).

A excelência do poema decorre de sua exatidão, que, por sua vez, permanece inteiramente localizado na percepção do acesso ao sentido. Quando o filósofo discorre sobre o mito, recorre à definição de Schelling para esta verdade mítica que é verdade de seu acesso, na invenção da palavra *tautegoria*. Recusando a ideia de que haveria algo obscuro e alegórico no mito, de que o acesso à sua interpretação é obstruído de antemão, como se ele disse uma coisa para esconder outra, o filósofo alemão produz este neologismo com o intuito dar a ver o mítico como a identidade entre o significar e o ser, uma vez que este gênero de narrativa doa sempre um sentido a partir de seu próprio dizer. Em suas próprias palavras:

Mythology is not allegorical [XI 196]; it is tautegorical. To mythology the gods are actually existing essences, gods that are not something else, do not mean something else, but rather mean only what they are. Earlier, authenticity [*Eigentlichkeit*] and doctrinal meaning were opposed to one another. But according to our explanation both authenticity and doctrinal meaning cannot be separated, and instead of relinquishing the authenticity to the benefit of a doctrinal meaning, or saving the authenticity, but at the cost of the doctrinal meaning, like the poetic view, we are rather, conversely, obliged through our explanation to assert and maintain the consistent unity and indivisibility of the meaning (SCHELLING, 2007, p. 136).

Aqui também, pelo fato de a poesia ser outra face desse processo de significância que se converte em poema, na fundação do sentido ele mesmo, podemos aventar a possibilidade de o poema também ser, à sua maneira, *tautegórico*, por afirmar a indivisibilidade de seu sentido. O que há de mais exato/acabado do que o sentido do acesso, de algo que, por ter estado sempre lá, atualiza-se *tautologicamente* no eterno retorno do verso, no modo único de voltar a dizer o mesmo? O que o poema faz é

apresentar o acesso como exato, escandido, quase mecânico, esquemático, levando-nos a crer que ele faz o que já foi feito, que ele é feito da inseparabilidade entre dizer e significar, autofigurando-se, autoimaginando-se, *tautegoricamente*. Onde há essa espécie de autodeposição, haveria indício de poema. “A escrita não é senão isso, ter escolhido. Talvez também: ter sido escolhido” (NANCY, 2011, p. 84), afirma Nancy.

Ao mesmo tempo, dialogando frontalmente com Jacques Derrida em seu “Checos’e la poesia?”, o ensaio de Nancy comenta a seguinte aposta derridiana em uma espécie de desfazimento amoroso com caráter poético: “Eu sou *um* ditado, profere a poesia, decore-me, recopie-me, vele-me e guarde-me, olhe-me, ditada, sob os olhos” (DERRIDA, 2001, p. 113). Nesse ensaio, Derrida faz jus à tradição estilo-novista e seus herdeiros, os trovadores e poetas occitânicos, para quem a poesia é “ditado de amor” (AGAMBEN, 2007, p. 176), reabilitando a via entre coração e linguagem não tanto pelo mecânico ou maquinico quanto pelo que do ritmo resta ignorado, não-sabido, sem tradução, em atravessamento. Para Nancy, diferentemente, “é a recitação *de cor* que faz de toda frase recitada pelo menos uma suspeita de poema” (NANCY, 2016, p. 150, grifo nosso), como se a condição da poesia fosse precisamente esse índice de coisa feita, exata, “totalmente realizado em e por si” (NANCY, 2020, p. 48). Ou como ele nos diz do que tem caráter mítico: “autorrepresentação de sua presença e de seu presente” (NANCY, 2016, p. 96).

Neste ponto, a singularidade de Nancy se faz notar no contraste com a proposta derridiana mais elementar, de uma “não-contemporaneidade a si do presente vivo” (DERRIDA, 1994, p. 12), que faz com que a poesia, enquanto ditado, esteja sempre recapitulando essa dis-con-junção essencial do tempo. O que o filósofo franco-argelino afirma sobre o aparecimento do espectro que nunca pertence ao tempo de sua aparição, em alguma medida, também poderia dizer do poema, como se ele carecesse de uma evidência, de uma demonstração, de uma sincronia sempre impossíveis; “nada a se fazer (*poiein*)” (DERRIDA, 2001, p. 115). Esta tendência ao des-ligado também se dá em termos da assinatura:

Nunca assino um poema. O outro assina. O eu apenas é em função da vinda desse desejo: aprender de cor. Tenso para resumir-se a seu próprio suporte, portanto sem suporte exterior, sem substância, sem sujeito, absoluto da escritura em si, o ‘de cor’ deixar-se eleger além do corpo, do sexo, da boca e dos olhos, ele apaga as bordas, escapa às mãos, você o ouve com dificuldade, mas ele nos ensina o coração (DERRIDA, 2001, p. 116).

Já Nancy aposta nos restos e nos retornos, no para-além da repetição, como o que permite às coisas feitas alçarem-se ao estatuto de poesia, religando-se. O filósofo franco-argelino apenas brevemente toca a possibilidade da injunção: “você gostaria de decorar uma forma absolutamente única, um acontecimento cuja intangível singularidade já não separasse a idealidade, o sentido ideal, como se diz, do corpo da letra. Nesse desejo da inseparação absoluta, o não-absoluto absoluto, você respira a origem do poético” (DERRIDA, 2001, p. 114). Mas, para Nancy, esse “desejo de inseparação” é já inseparável da poesia, da ordem das coisas que resistem, coisas que guardam e resguardam a direção que as fizeram, a zonagem que as institui como acesso, “o desejo que deveria passar [e] deixa em algum lugar não apenas vestígios, mas um circuito insistente” (LACAN, 1999, p. 94-5).

No amor à poesia, seu saber é seu próprio exercício; é o que é, não só o que faz ou é impulsionada a fazer. Também Nancy lê Marx e os marxismos de Walter Benjamin e de Maurice Blanchot, no que toca precisamente a um pensamento sobre o comum e o comunismo. Em *A comunidade inoperada*, o filósofo, discorrendo sobre o declínio da familiaridade, da fraternidade e da convivialidade, ou mais especificamente do que éramos *nestas* instâncias, diz que nosso ser comunal, alcança, no limite, o que está para além dessa ideia de “comunidade como obra”, “para além da regulação coletiva da necessidade, um reino da liberdade onde o trabalho excedente não seria mais *trabalho* explorado, mas sim arte e invenção” (NANCY, 2016, p. 34). Esse tipo de *práxis*, de coisa feita do trabalho excedente, não tem que ver nem com o acabamento nem com a produção, no sentido da produtividade. O “fazer, a poesia” está mais próximo de um desencadeamento de paixões, de um dar termo para o fluxo do desligado, da comunicação de uma finitude, de uma interrupção ou de uma inscrição. Onde a comunidade se encontra com o poema, resiste-se ao infinito do discurso, aderindo-se, como resposta a uma não-demanda, ao que é fortuito, parcial, destacado, desligado, não dominado.

Aí, o fazer do poema dá-se como feito; é uma decisão ou um cálculo não como efeito de um tomar posição, mas como interrupção na cadeia das associações e dos ligamentos e desligamentos incessantes, cesura daquela “auto-interpretação do corpo” que é experimentação e gozo da diferença, diferenciação sem cessar. Uma síncope, diria Nancy, síncope no coração da síntese; distendido de uma prática anterior, de um exercício de ajuntamento cuja base é a existência conjunta de todas as coisas. “O poema é a coisa

feita do fazer ele mesmo” (NANCY, 2016, p. 150), provoca-nos Nancy. Nesse ponto, reencontram-se Eros e *poiesis*: na inoperância a que o fazer se entrega, indiferenciando a “coisa feita” do “fazer ele mesmo”, como se fosse possível, *tautegoricamente*, o poema identificar-se com seu não-fazer, com o seu efeito de não ter sido feito. No infinitivo do verbo, trata-se de exibição de sua não-realização incessante. “Como se diz: fazer amor, que é não fazer nada, mas fazer um acesso ser” (NANCY, 2016, p. 150). Ao que diríamos: deixar-se fazer pelo acesso, “depor exatamente” (NANCY, 2016, p. 150).

Referências bibliográficas

DAVID-MENÁRD, Monique. Como ler Além do princípio do prazer? Tradução Bernardo Maranhão. *Reverso*. Belo Horizonte, ano 37, n. 69, jun., 2015.

DERRIDA, Jacques. Che cos'è la poesia? In: *Inimigo Rumor*. Tradução de Tatiana Rios e Marcos Siscar, n. 10, 2001.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho de luto e a nova Internacional*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Tradução Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer*. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LACAN, Jacques. *Seminário 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. *Seminario 22: R.S.I (1974-1975)*. Traducción Ricardo E. Rodríguez Ponte para la circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires. Buenos Aires, 2002. Disponível em: <https://e-diccionestjustine-elp.net/wp-content/uploads/2019/10/RSI.pdf>.

NANCY, Jean-Luc. *A comunidade inoperada*. Tradução Soraya Guimarães Hoepfner. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

NANCY, Jean-Luc. *Embriaguez*. Tradução Vera Casa Nova e Juliana Gambogi. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

NANCY, Jean-Luc. Fazer, a poesia. In: *Demanda*. Tradução João Camillo Penna, Eclair Antonio Almeida Filho, Dirlenvalder do Nascimento Loyola. Florianópolis: Ed. UFSC; Chapecó: Argos, 2016.

NANCY, Jean-Luc. Gerações, civilizações. In: *Caderno de leituras*. Tradução Vinicius Nicastro Honesko, n. 151, 2022.

NANCY, Jean-Luc. *O “Há” da Relação Sexual*. Tradução Pedro Eiras. Porto: Quase, 2008.

NANCY, Jean-Luc. O mito interrompido. In: *A comunidade inoperada*. Tradução Soraya Guimarães Hoepfner. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

NANCY, Jean-Luc; LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. *O título da letra. uma leitura de Lacan*. Tradução Sergio Joaquim de Almeida. São Paulo: Escuta, 1991.

NANCY, Jean-Luc. Prefácio à Edição Portuguesa. *O peso de um pensamento, a aproximação*. Tradução Fernanda Bernardo e Hugo Monteiro. Coimbra: Palimage, 2011.

PLATÃO. O Banquete. In: *Diálogos*. Tradução José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph von. *Historical-critical Introduction to the Philosophy of Mythology*. Translated by Mason Richey, Markus Zisselsberger. Albany: State University of New York Press, 2007.

ⁱ **Carolina Anglada de Rezende** é professora adjunta no Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem (POSLETRAS - UFOP). Pós-doutoranda em Estudos Psicanalíticos (PPGPSI-UFMG). Realiza pesquisas transdisciplinares entre poesia, filosofia e outros campos das ciências humanas, com particular interesse nas relações entre língua, inconsciente e pensamento. **E-mail:** carolina.anglada@ufop.edu.br